

**PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:  
ESCUTA, CORPOREIDADE E PERTENCIMENTO EM UMA EXPERIÊNCIA  
COM SLACKLINE, ESCALADA, PARKOUR E SKATE**

**ADVENTURE BODY PRACTICES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION:  
LISTENING, CORPOREALITY AND BELONGING IN AN EXPERIENCE WITH  
SLACKLINE, CLIMBING, PARKOUR AND SKATEBOARDING**

**PRÁCTICAS CORPORALES DE AVENTURA EN LA EDUCACIÓN FÍSICA  
ESCOLAR: ESCUCHA, CORPOREALIDAD Y PERTENENCIA EN UNA  
EXPERIENCIA CON SLACKLINE, ESCALADA, PARKOUR Y SKATE**

Helena Yara Graça Nascimento de Araújo Gomes<sup>1</sup>

Jonas Henrique Almeida da Silva<sup>2</sup>

Mariana Antunes Braz<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho apresenta um relato de experiência com práticas corporais de aventura na Educação Física escolar — slackline, escalada, parkour e skate — em uma escola pública de Guadalupe, Rio de Janeiro, com 200 crianças do 1º ao 4º ano. As aulas, realizadas três vezes por semana, basearam-se em perspectivas freirianas e decoloniais, valorizando a escuta, a corporeidade e o pertencimento. Evidenciaram-se ganhos motores, socioafetivos e criativos, mesmo em condições estruturais limitadas.

**Palavras-chave:** Práticas corporais de aventura. Educação Física escolar. Autonomia estudantil. Corporeidade. Inclusão.

**Abstract:** This paper presents an experience report with adventure body practices in school Physical Education — slackline, climbing, parkour and skateboarding — in a public school in Guadalupe, Rio de Janeiro, with 200 children from 1st to 4th grade. The classes, held three times a week, were based on Freirean and decolonial perspectives, valuing listening, corporeality and belonging. Motor, socio-affective and creative gains were observed, even under limited structural conditions.

**Keywords:** Adventure body practices. School Physical Education. Student autonomy. Corporeality. Inclusion.

---

<sup>1</sup> Especialista em Psicomotricidade e Educação Especial. Licenciatura em Pedagogia. Licenciatura em Educação Física. Docente da rede pública do município do Rio de Janeiro. Endereço eletrônico: helenayaragomes@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Especialista em Educação Física Escolar. Especialista em Direitos Humanos, Saúde, Acessibilidade e Inclusão. Licenciatura Plena em Educação Física. Docente das redes públicas estadual e do município do Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Pesquisa em Docência na Educação Física – GPDEF (UFRRJ). Endereço eletrônico: professorjonashenrique@gmail.com

<sup>3</sup> Mestra em Educação Física Escolar. Licenciada em Educação Física. Professora da rede municipal de Seropédica e Itaguaí. Membro do Grupo de Pesquisa em Docência na Educação Física – GPDEF (UFRRJ). Endereço eletrônico: marianaantunesbraz@gmail.com

Revista Fluminense de Educação Física. Dossiê comemorativo pelos 50 anos da Educação Física na UFF: IV Simpósio – A subjetividade e a corporeidade nos tempos contemporâneos: A Educação Física 4.0, e; XVII Encontro Fluminense de Educação Física Escolar – EnFEFE: a docência e a escola como *lócus* de formação. Vol. 07, n.03, Dezembro de 2025.

**Resumen:** El presente trabajo presenta un relato de experiencia con prácticas corporales de aventura en la Educación Física escolar — slackline, escalada, parkour y skate — en una escuela pública de Guadalupe, Río de Janeiro, con 200 niños del 1º al 4º año. Las clases, realizadas tres veces por semana, se basaron en perspectivas freirianas y decoloniales, valorizando la escucha, la corporeidad y la pertenencia. Se evidenciaron avances motores, socioafectivos y creativos, incluso en condiciones estructurales limitadas.

**Palabras clave:** Prácticas corporales de aventura. Educación Física escolar. Autonomía estudiantil. Corporeidad. Inclusión.

## 1 INTRODUÇÃO

As práticas corporais de aventura, como slackline, escalada, parkour e skate, têm conquistado espaço crescente na Educação Física escolar, respondendo às demandas por uma educação que vá além do ensino de esportes tradicionais. Ao promoverem desafios motores, sociais e afetivos, essas práticas possibilitam vivências significativas que estimulam a criatividade, a cooperação e a autonomia dos estudantes.

Na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), as práticas corporais aparecem como um dos eixos estruturantes da Educação Física, incluindo-se nesse campo as denominadas práticas de aventura. Essas experiências permitem que a escola reconheça novos repertórios culturais e corporais, dialogando com a realidade das juventudes e aproximando a Educação Física do cotidiano dos alunos.

Inspirados em Paulo Freire (1996), entendemos a escola como espaço de encontros, de diálogo e de humanização. E conforme afirma este mesmo autor:

Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. A educação se faz no encontro de sujeitos que se reconhecem como inacabados, como seres em constante construção. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p. 25)

O corpo, muitas vezes silenciado pela lógica bancária de ensino, deve ser reconhecido como território de saberes e de expressão criadora. Já Krenak (2019) nos convida a refletir sobre a importância de desacelerar e de escutar os corpos, compreendendo que aprender também é estar presente, em comunhão com a vida.

Este relato apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida em uma escola pública de Guadalupe, no Rio de Janeiro, entre maio e julho de 2025. Participaram cerca de 200 estudantes, do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental. O objetivo foi proporcionar contato

com práticas corporais de aventura, ampliando a corporeidade e fortalecendo vínculos de pertencimento.

## 2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

As aulas ocorreram três vezes por semana, com duração de 50 minutos, totalizando aproximadamente trinta encontros. A organização foi pensada em etapas progressivas: familiarização, exploração orientada, desafios coletivos e criação livre. Essa estrutura permitiu que os alunos não apenas experimentassem as modalidades, mas também refletissem sobre o cuidado com o corpo, o espaço e o outro. E segundo Betti:

O corpo é, antes de tudo, condição de existência. É por meio dele que o homem age, se comunica, produz cultura e transforma o mundo. O corpo não pode ser reduzido a uma máquina biológica, mas deve ser compreendido em sua dimensão histórica e social, como território de significados, identidades e saberes. (BETTI, 1991, p. 45)

O slackline foi realizado em área externa, com fitas próximas ao solo. Inicialmente, os alunos praticaram o equilíbrio estático com auxílio de colegas e professores, avançando para deslocamentos dinâmicos. Foram incentivados a apoiar-se mutuamente, reforçando a solidariedade e o senso de comunidade.

Na escalada, montada em estrutura adaptada na quadra coberta, o foco foi a superação de percursos de diferentes dificuldades. A proposta destacava o planejamento prévio, a observação atenta e o respeito ao ritmo individual. As crianças eram estimuladas a orientar os colegas, criando um ambiente de cuidado e confiança.

O parkour envolveu circuitos construídos com materiais disponíveis, como colchonetes, bancos e cordas. Os estudantes foram convidados a inventar rotas e a experimentar movimentos diversos — rolamentos, saltos, apoios — sempre com liberdade criativa. Essa prática valorizou a imaginação e a apropriação do espaço escolar como campo de movimento.

O skate, realizado em área adaptada, priorizou habilidades básicas como subir na prancha, manter o equilíbrio, impulsionar e frear. Mais do que a performance técnica, buscou-se estimular a persistência, a autoconfiança e a socialização. Muitos estudantes relataram satisfação ao vivenciar algo até então distante de sua realidade.

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Na perspectiva freiriana, educar é um ato de comunhão: “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si” (FREIRE, 1996, p. 25). A experiência mostrou que, quando o professor adota uma postura dialógica, o processo pedagógico torna-se mais significativo. E corroborando com Kunz onde:

As práticas corporais devem ser concebidas como experiências pedagógicas abertas, que possibilitem ao aluno não apenas o domínio de técnicas, mas a compreensão crítica do movimento humano como linguagem. O aprender a mover-se é, sobretudo, aprender a expressar-se e a relacionar-se com o outro e com o mundo. (KUNZ, 1994, p. 78)

As crianças não apenas aprenderam movimentos, mas também desenvolveram confiança, solidariedade e sensibilidade ao outro.

Apesar das limitações estruturais, como a ausência de espaços especializados e a necessidade de improvisação de materiais, a prática se mostrou viável. Essa realidade reforça a ideia de que a inovação pedagógica não depende exclusivamente de infraestrutura, mas de criatividade e intencionalidade educativa (RIBEIRO; PEREIRA; LOSANO, 2024).

Além disso, as práticas corporais de aventura favorecem a construção de repertórios motores diversificados, ampliando possibilidades de expressão corporal (KUNZ, 1994). Tais vivências também dialogam com o conceito de corporeidade, entendida como dimensão fundamental do ser humano que articula corpo, cultura e subjetividade (BETTI, 1991).

Como nos lembra Krenak (2019), desacelerar e escutar os corpos permite que o aprendizado se conecte com a vida. Ao vivenciar práticas que envolvem risco controlado e cooperação, as crianças desenvolveram não apenas habilidades motoras, mas também noções de cuidado, confiança e pertencimento.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas corporais de aventura, quando integradas a uma pedagogia crítica e dialógica, mostraram-se instrumentos potentes de emancipação. Contribuíram para fortalecer a autoestima, a coletividade e a criatividade dos estudantes. O relato evidencia que, mesmo em contextos de recursos limitados, é possível promover experiências significativas na Educação Física escolar.

Reforçamos a necessidade de políticas públicas que apoiem a diversificação das práticas corporais e garantam formação continuada para professores. Mais que inovação metodológica, trata-se de uma escolha ética e política por uma educação mais humana, inclusiva e conectada à realidade dos sujeitos. Como ensinam Freire (1996) e Krenak (2019), educar é sempre um ato de esperança e de pertencimento.

## REFERÊNCIAS

- BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.
- RIBEIRO, M. C. R.; PEREIRA, D. W.; LOSANO, A. L. Práticas corporais de aventura na escola pública a partir de uma proposta interdisciplinar. **Revista Saúde, Corpo e Movimento**, v. 3, n. 3, p. 1–20, 2024.